

pretensão
série perfeita obsessão — livro 1
elizabeth trigo



Playlist

I Wanna Be Yours | Arctic Monkeys

Tennessee Whiskey | Austin Giorgio

Guys My Age | Hey Violet

Toxic | Sofia Karlberg

Lost On You | Scott Hoying & Mario Jose

Only Girl (In The World) | Rihanna

Shameless | Sofia Karlberg

Feeling Good | Nina Simone

Kiss | Prince

What Is Love | Jaymes Young

Hoje | Átoa

Grand Piano | Nicki Minaj

Do You Remember | Jarryd James

Island | Florida Georgia Line

Só Existo Contigo | Diogo Piçarra

If You Only Knew | Alexander Stewart

Wrong Direction | Hailee Steinfeld

Para conheceres o resto da *playlist*, podes consultar
o meu perfil no Spotify: [elizabeth_trigo_](#)

*A todas as Sophias deste mundo, e à minha mãe,
um coração gigante e guerreiro,
o maior exemplo da minha vida.*



PREFÁCIO

Sinto-me muito feliz em poder falar-vos sobre este livro. O livro de uma autora portuguesa a quem chamo de amiga. Um livro que espero que seja um sucesso, porque não só tem todo o mérito de o ser, como a Elizabeth o merece, por todo o trabalho, amor, dedicação, empenho e tantos adjetivos que aqui poderia enumerar. E, no meio disto tudo, que já é tanto, este livro e os que o seguem são ainda mais especiais para mim, porque a Elizabeth “mos confiou” para poder ser a primeira a ler e confiou também nas minhas sugestões.

Foi com orgulho que aceitei este desafio e me dediquei a ajudar a Elizabeth a tornar este livro perfeito. Não foi necessário dizer muitas coisas, não foi necessário fazer muitos reparos, não foi necessário mudar as ideias do texto, porque já estava brilhantemente escrito. Um apontamento ou outro tiveram a única missão de o tornar ainda mais resplandecente.

Pretensão é um livro intenso, muito real na mensagem que nos passa, duro e cru em determinadas passagens. Um livro em que muitas mulheres se verão retratadas. Tenham os lenços à mão e preparem as vossas emoções, porque elas serão constantemente abaladas. Umhas vezes, vão rir, sorrir, gargalhar e vibrar, mas, outras vezes, barafustar, espernear, estrebuchar, ou querer arrancar cabelos (não os vossos, mas os de alguém). Irá apoderar-se de vós a raiva, a cólera, a irritação, a indignação, a fúria. Além disso, vão soltar garantidamente umas quantas lágrimas, uns quantos suspiros, exclamações e interrogações...

Para mim, um grande livro tem de mexer connosco, tem de nos tocar

bem fundo, tem de nos marcar, tem de nos fazer lembrar dos nomes dos personagens, de nos tocar em algo que nos abala de tal forma que, por vezes, temos de parar, respirar e só depois retomar a leitura, tal é a intensidade e autenticidade daquilo que o mesmo nos descreve.

Pretensão é esse livro, é tudo aquilo que descrevo e muito mais. Foi um dos livros que mais me abalou, um dos livros com o qual mais me identifiquei e é um livro no qual muitas mulheres se verão retratadas, um livro que nos tocará nas mágoas que temos guardadas no fundo da mente e do coração.

Preparem-se para temas sensíveis, como a submissão, os maus-tratos, a violência e violação, o suicídio, as drogas, a dependência, a vulnerabilidade, a pretensão.

Agora, agarrem-se bem, respirem fundo quantas vezes forem necessárias e embarquem neste livro maravilhoso. E, no final, venham-me dizer se eu não tenho razão!

Daniela Coelho
@trilhos_de_um_livro



PRÓLOGO

Destruiu-me!
Fê-lo, sem ponderar nas consequências dos seus atos, e depois abandonou-me, semiconsciente, acolchoada num banho de sangue, encarcerada num pânico que até então desconhecia. Mas não foi o seu desprezo que me arrasou; foi a vileza com que me arrancou o coração e o devastou por mísera vingança.

“Mereceste isto, cabra do caralho.” As palavras dele repetiram-se no meu corpo como batidas de um tambor, ainda que fosse apenas o sangue a pulsar-me no cérebro, a tentar impedir-me de assimilar o que me acontecera.

Eu tinha sido apenas um número; uma rapariga cheia de sonhos e ambições de entre milhões de outras, numa noite como tantas outras. Mas naquela noite senti, de entre os milhares de *Sophias* deste mundo, o odor dele dilacerar-me à força, arrematado de berros, álcool, violência física atroz e palavras aferradas de veneno mortífero. Ele disse-me que seria irreversível, e foi. Estava marcada para sempre; perdera a minha identidade, a minha luz, a minha essência. Ele destilara-mas e eu fiquei vazia — despersonalizada.

Olhei à minha volta sem conseguir distinguir nada mais que sombras de terror. Toda eu era escuridão no vago de um medonho e avassalador inferno invisível, embora o sentisse ali ao pé, pronto a arrastar-me com ele para as profundezas assim que fechasse os olhos e o permitisse.

Riu-se uma última vez, até o seu riso ser extinto pelos seus passos a ressoarem no parquê. Pareciam tiros no meu corpo, os meus espasmos. E a dor era

lancinante, como se mil lâminas me abrasassem o corpo, todas ao mesmo tempo, à queima-roupa. Porém, a dor maior não era a física; era a invisível, a que sentia por dentro e que me estava a exterminar para todo o sempre.

Mantive-me assim, convulsionada e refém da minha incapacidade de reação devido aos ferimentos físicos e emocionais que me havia provocado, até ser novamente avassalada pelo eco de passos. Ele ia terminar o que começara. *Prometera-mo.*

Inspirei uma última vez, ainda que o odor metálico do sangue fosse o meu único aconchego, e fechei os olhos. Estava pronta para morrer. Todos nascemos com o mesmo destino: morrer. O meu tinha sido simplesmente antecipado.

No compasso de espera pela morte que me estava predestinada, idealizei uma balada reconfortante, agarrei na última réstia de consciência que ainda me sobrava e pedi um último desejo: recordar um dia em que havia sido mesmo feliz.



SOPHIA DAZZO

ESTADO DE MUDANÇA

Observe os pequenos botões que rompem dos ramos revestidos de pequenas folhas verdes, tímidos e cintilantes devido à orvalhada, e desporto um sorriso, maravilhada com a proeza da mãe natureza. Mesmo que recém-chegados, porque a primavera ainda não se anunciou, estamos em meados de fevereiro, emanam a mais doce das cores; disso tenho sido a perfeita testemunha.

— Como se sente hoje? — pergunta o meu psiquiatra, sentado no cadeirão junto à biblioteca centenária que impõe apreço, com o seu habitual caderno de argolas de papel reciclado nas mãos, em que tem por hábito anotar todos os meus mínimos desabafos. *Ridículos, por excelência.*

Segundo ele, sofro de um distúrbio PSPT. Trocando por miúdos: Perturbação de Stress Pós-Traumático, amnésia dissociativa e outras demais merdas que não gosto de referir, por me subentenderem invertibradas de uma humana que supostamente deveria ser normal como todas as outras. Mas não é. *Não sou. Deixei de o ser há quase três anos.*

— Bem. — Sacudo os ombros, sem desviar o olhar da dança uniforme e cadenciada das folhas.

— Tomou alguma decisão relativamente à proposta de trabalho que recebeu na semana passada?

— Ainda não.

— É uma boa oportunidade, porque não arrisca?

— Não, é impossível. — Sacudo a cabeça, como que para manter as ideias no lugar.

— O impossível é apenas um estado de mudança, Sophia.

— Mas eu preciso de continuar invisível para ser livre! — *Irra, que o homem é burro ou faz-se.* — E eu não quero mudança nenhuma na minha vida! — acrescento com aspereza, olhando-o de esguelha.

— Mas, no entanto, é o que tem acontecido desde que entrou neste gabinete pela primeira vez. Ainda se recorda?

As imagens ressurgem como um lampejo. Revejo um homem corpulento, rosto redondo e barba grisalha, sentado naquele mesmo cadeirão. Recordo-me de palavras afáveis, sem serem intrusivas. Recordo-me do dia em que percebi finalmente o que significava entregar a minha consideração por merecimento próprio.

— Pensei que era Natal. — As palavras deslizam-me da boca.

Ele remexe na barba com um sorriso delicado e eu volto a desviar o olhar para a janela. Lá fora reina a leveza entre as folhas; dançam com tamanha espontaneidade que me pergunto se alguma vez voltarei a sentir esta segurança pessoal. Ou até mesmo a liberdade de outrora.

— Se me permite a observação, ainda não tirou os olhos da janela. O que a está a inquietar assim tanto?

Silêncio. Continuo hipnotizada pelos meus devaneios.

— É sobre a produtora americana, não é? — pergunta ele, quase num sussurro, como se temesse a minha reação.

Respiro fundo, fixando por momentos as minhas mãos irrequietas e suadas.

— É complicado — murmuro, mais para mim do que para ele. — Ainda não sei como desencantaram o meu currículo, talvez numa das empresas com quem colaborei no ano passado..., mas... seria uma proposta de seis meses e eu nunca fico mais do que dois, então...

— E pensou em fazer uma contraproposta?

— Podemos falar sobre outra coisa? — Remexo-me no sofá, incomodada com a orientação da conversa.

— Fugir dos obstáculos não é a solução.

— Não é um obstáculo!

Ele fita-me pensativo durante um longo instante. Depois recompõe-se no cadeirão, como se procurasse pelas palavras, até que decide retomar o diálogo:

— Sabe, costumo compará-la a uma tartaruga, porque, quando se sente ameaçada, refugia-se na carapaça. E tem acontecido exatamente a mesma coisa nas sessões de hipnose. — E levantando-se da cadeira, percorre a sala até à estante onde guarda os processos dos pacientes. Retira uma folha de um deles e aproxima-se de mim com ela estendida na mão.

Franzo o sobrolho, num trejeito desconfiado, perguntando-lhe de que se

trata com o queixo, um gesto ao qual o doutor se afeiçoou desde as primeiras consultas, quando aqui aterrei sem fala.

— É o seu icebergue, Sophia. Ou, por outras palavras, a sua inconsciência consciente. Veja com os seus próprios olhos. — Acena para a folha, pelo que, após alguma hesitação, cedo.

Anexo n.º 3 do relatório

Sessão de hipnose a 25 de janeiro de 2019

(...)

— *Hoje colocaram-me em frente ao espelho para descrever o que via.*

— E o que viu?

Começa a chorar descontroladamente.

— *A culpa foi minha. Eu não queria, mas aconteceu.*

— Respire fundo. É um episódio desagradável, mas são apenas dolorosas lembranças.

Concorda com um meneio.

— Consegue regressar a esse dia, Sophia?

— *O cheiro é forte e intenso. Está escuro, tenho medo.*

— De que tem medo?

Expressão apavorada.

— O que se passa, Sophia?

— *Não existe mais branco. Só vermelho e dor.*

Lábios e membros trémulos.

— Sophia, não tem necessidade de se brutalizar a este ponto. Eu vou contar devagar até três. A cada número progressivo vai despedir-se destas imagens, substituindo-as por outras mais aprazíveis, até regressar ao nosso presente. Respire fundo. Um.

— *Os meus pulsos... Estou a ficar tonta. Preciso de ajuda.*

Começa a apertar os pulsos alternadamente. Rosto suado.

— Nada disto é real. Quando acordar, vai sentir-se leve e esta vivência não será mais que um pesadelo desagradável e distante. Dois.

— *Foi... ele.*

Expressão horrificada.

— Três.

(...)

— Porque sorri, Sophia? Está feliz?

— *Não se pode estar feliz, amarrada a uma cama e encharcada de drogas até aos ossos. Tudo é branco. Os lençóis, as correias, as paredes acolchoadas, a luz, o chão..., eu.*

— Está sozinha?

Apreensão repentina.

— Quem está consigo?

— *Uma das batas brancas.*

— A enfermeira?

Respiração alterada.

— O que se passa?

— *Vai injetar-me mais um dos seus cocktails explosivos e, embora lhe grite e lute contra as ligas que me mantêm acorrentada à cama, não me ouve. Ninguém me ouve aqui.*

Dobra o braço. Ato defensivo e expressão alarmada.

— *Eu não quero agulhas... Não mais... Doi!*

— Respire com calma e liberte-se dessas imagens atormentadoras.

Sorri repentinamente.

— Parece menos contrariada.

— *Ela está a refilar comigo, enquanto me desaperta as correias para me fazer o penso.*

— Consegue repetir as palavras da enfermeira?

— *Não chore, menina. Sabe que não se pode enervar desta maneira. E não tente outro infortúnio. Se da última vez não a tivesse encontrado, nem quero imaginar o seu desfecho. Não teria sido apenas uma desgraça. Teriam sido duas.*

O sorriso desfaz-se numa expressão fria.

— O que se passa?

— *Empurrei-a e estou a tentar fugir com o cartão que lhe arranquei do bolso da farda, mas tenho de ser rápida. Alguém acabou de ativar o alarme de emergência e não vão tardar a perseguir-me.*

Respiração ofegada.

— *Os corredores parecem um autêntico labirinto. Estou perdida. Não me sinto bem.*

— Mantenha a calma.

— Quero a Bia. Ela não vem buscar-me.

Pânico generalizado e comprometedor.

— Ele está ali.

— Quem, Sophia?

Posição fetal. Tremores.

— Não tenha medo de ceder. Já ninguém a pode magoar.

— *Tenho frio. Muito. Como naquela noite.*

— Quem é este “ele”? — pergunto, apreensiva relativamente à personagem que descrevi no relatório. Não me recordo dela, mas sinto que no fundo fundamenta os meus pesadelos.

— Eu gostava de lhe poder responder, mas a Sophia é a única que tem a resposta.

— Já se passaram dois anos e tudo o que tenho são questões que não cessam de levantar outras — riposto, frustrada.

— A cura de um trauma não tem um prazo de resolução fixo, Sophia. Tanto pode demorar dias, semanas, como até anos. Tudo depende de si. Comece por aceitar desafios que envolvam alguma forma de adrenalina, como a proposta americana, por exemplo.

— Eu... tenho receio de dar o passo — admito com alguma relutância.

— Perante uma situação nova, é normal que se sinta assim. Como qualquer outro ser humano, aliás. E se considerasse esta proposta como um bilhete de entrada?

— A sério?! — inquiri, perplexa, por ter tido a ousadia de comparar a minha vida a um concerto de duas horas.

— Eu refiro-me a uma vida social — esclarece num tom apoloético.

— Eu já tenho uma vida social, doutor Ramos!

— Desculpe-me a audácia, mas o que a Sophia tem é uma agenda minuciosamente organizada.

E, farta de bater na mesma tecla, pensando até que o doutor esteja a utilizar uma espécie de hipnose nas consultas, por eu ser sempre tão espontânea com ele, digo-lhe o que me vai na alma:

— Ouça, até poderia ponderar nesta proposta se o Leonard Claus não fosse um dos CEO da empresa. É muita coincidência, não acha? — inquiri, afetada pelo ironismo da situação.

— Por ter sonhos eróticos com ele?

— Precisamente. — Viro-me para ele, as mãos num novelo. — Diga-me, doutor, porquê ele, o *bad boy* bilionário pelo qual todas as miúdas se esfolam?

Eu nunca quis pensar nele ou sentir esta dependência mórbida. Eu não quero... Não..., você não tem ideia do meu grau de demência.

— Penso ter percebido o fundamento da sua questão.

— Não percebeu, não! — contesto.

— Sophia, não existe nada de mais natural no mundo que a sexualidade.

Sempre fez e fará parte dos humanos, e você não é exceção à regra.

Refuto a sua conjectura com um murmúrio de dentes cerrados, distorcendo depois a conversa:

— A Bia também recebeu uma proposta, como estilista na Fashion Models.

— A sua irmã aceitou?

— Óbvio, era o seu sonho.

O doutor fita-me pensativamente, remexendo na barba.

— E qual é a opinião dos seus pais acerca desta possível mudança? — pergunta, atento ao meu sorriso, que se desfaz num ápice. — Eles ainda não sabem, pois não?

— Eles jamais aprovariam esta loucura. — *Uma, sim, mas as duas seria tão devastador como anunciar-lhes o terramoto de mil setecentos e setenta e cinco.*

— Tem ido a casa com que frequência?

— A mesma de sempre. — Abano os ombros, desinteressada no assunto.

— Uma vez por mês não é o suficiente para restabelecer uma relação, Sophia.

— Mas é o suficiente para desencadear discussões! — riposto no compasso em que enterro as unhas nas palmas das mãos.

— Os seus pais preocupam-se com o seu futuro.

— Antes com as caves de vinho — retifico, entredentes —, e eles não conhecem o monstro que existe dentro de mim, doutor Ramos.

— O seu único monstro é a sua própria insegurança. Comece por enfrentá-la.

— Como, se existem partes tão negras de mim que nem a minha consciência se lembra? — O meu olhar não passa de uma sombra de desespero. Já o doutor mantém a calma.

— É um mecanismo de proteção recorrente em casos semelhantes ao seu, e só conseguirá libertar-se desse bloqueio quando finalmente se perdoar. Mas, para tal, precisa de se sentir em segurança, Sophia.

— E como?

— Através dos sonhos que tem com o ator, por exemplo. Como, no passado, foi traída por uma pessoa em quem confiava plenamente, penso que a sua inconsciência permita esses sonhos, precisamente, por se sentir em segurança

e por serem com um desconhecido. Na minha opinião, devia encarar isto tudo como uma espécie de terapia.

— Porque não repete este mesmo discurso aos meus pais? — pergunto, envolvida num riso sarcástico. — Talvez fosse tão persuasivo, que os conseguisse convencer de que a minha demência não é única.

Ele sorri como resposta à minha insinuação.

— Acredito que uma reunião familiar seria a solução se eles tivessem conhecimento sobre o seu passado, assim como destas consultas. Assim sendo, penso que não seja o melhor procedimento a tomar.

— Não é — concordo de imediato. O meu riso cessou.

— Diga-me, Sophia. O que comprometeu a sua relação lá em casa?

— Porque insiste em repetir a minha história, se passa a maior parte das consultas a registar tudo no caderno?

— Sophia, inconscientemente...

Saturada das sugestões freudianas, ergo-lhe a palma da mão para que se cale, ao que obedece, limitando-se a observar-me a deambular pelo gabinete, acostumado às minhas impulsividades.

— Não acha que, depois deste tempo todo, não mereço uma resposta válida, um pingão de consideração que seja?

— É precisamente por isso que aqui está, Sophia.

— Então, porque é que continuo a ter a sensação de que nunca saí daquele centro de reabilitação psiquiátrica?

— Lamento se lhe vou parecer frio, mas é você que refuta as soluções que lhe vou dando, com receio de assumir a sua inconsciência.

— Essa é boa — respingo, levando as mangas do *pullover* XXL ao nariz humidificado.

— Sendo assim, porque continua indecisa em relação à proposta de trabalho, se no fundo sabe que a aceitou no mesmo instante em que a recebeu? É por ter sonhos eróticos com o ator que hesita? E então? Isso não fará de si menos credível, caso contrário não tinha recebido uma proposta como maquilhadora numa das maiores produtoras do planeta. Esse ator, Sophia, é nem mais nem menos uma obsessão, como você sugeriu inúmeras vezes. Mas, também, é graças a ele que tenho conseguido comunicar consigo e concluir que seja possivelmente a solução do seu trauma.

E, ao ouvi-lo, estanco no meio do gabinete, a olhar para ele, em choque.

— Sophia, eu nunca lhe cheguei a entregar os relatórios completos das suas sessões de hipnose.

Que raio quer dizer com isto? O doutor nunca me pareceu tão sereno. Nem tão imperturbável. Nem tão ameaçador.

— O que quero dizer com isto é que a Sophia já alimenta esta obsessão há demasiado tempo, apesar de somente ma ter confiado há três meses.

— Estou louca e você não lhe fica imune. — *Foda-se, a minha loucura contaminou-o.*

— Não está, Sophia — assegura-me o doutor, aproximando-se de mim à medida que me deixo descair no sofá. — Esta é a sua realidade. A única que tem acolhido benignamente, e a prova são os seus sonhos. Vá para os Estados Unidos, inicie uma nova etapa na sua vida, aceite a proposta.

E eu fito-o de olhos esbugalhados, enquanto assimilo a mensagem.

— Tome. — Estende-me um pedaço de papel dobrado entre os dedos com um sorriso que me requer ânimo. — É o contacto de um colega meu que exerce em Los Angeles. Se me permitir, vou transferir o seu processo para que possa continuar com as consultas.

— Eu não quero porra nenhuma! — As lágrimas começam a escorrer-me pelo rosto, demasiado pesadas para continuar a reprimi-las.

— Você precisa disto, Sophia. Existem tantas coisas maravilhosas por descobrir lá fora, que não pode continuar escondida de um mundo que a condenou por erro de outrem.

— Não! Eu não estou pronta. — De súbito revejo-me neste consultório, quando aqui entrei pela primeira vez, sendo que hoje seria a última. Não! *Nem por todas as sombras do mundo.*

O FUTURO É UMA INCÓGNITA

Entrevista! Entrevista! Entrevista! Isto não me sai da cabeça. Olho para as minhas mãos suadas, um peso enorme na cabeça devido à noite que passei em branco por conta do *jet lag*. Não! Na verdade, estou assim porque fui traída pela minha irmã Bia.

Quando descobri que ela respondeu por mim à proposta da produtora Williams, fiquei possuída. Discutimos, os meus pais interferiram, culpando-me a mim pelo conflito, porém, quando lhes contei a proeza da minha irmã, ficaram chocados. Será a Queda da Bastilha, disseram eles. O comentário afetou-me. A Sophia, ex-drogada e manequim falida, jamais teria capacidades suficientes, foi o que interpretei. Enfurecida com a situação, regressei ao Porto e fiquei por lá até embarcar no avião com destino a Los Angeles.

Mas a traição da minha estimada irmã — gêmea, note-se — não se fica por aqui. Não!

Quando chegámos àquela que doravante será a nossa casa, sentadas num Porsche Cayenne novinho em folha que me ficou no goto, escoltadas por dois gorilas, Eric e Sam, os quais Bia considerou imprescindíveis, dada a sua situação profissional e a nossa aparência física, fiquei salamurda. A casa, afinal, era um daqueles palacetes das revistas, com jardins exóticos e afins. Foi então que explodi.

“O meu contrato tem vantagens”, disse-me ela, como se eu fosse engolir a pastilha.

“E EU SOU O PAI NATAL!”, retorqui-lhe aos berros. “Não nasci ontem. Diz-me a verdade!”, exigi. Não estava para brincadeiras.

No rescaldo da discussão, lá me confessou, a receio, de que tanto o carro como a *masmorra* eram um presente de boas-vindas dos nossos pais.

Senti-me zozna, o peito comprimido, não queria acreditar naquilo.

“É assim tão difícil dares o braço a torcer pelo menos por uma vez?”

“Os anjos também caem. Estas foram as últimas palavras do pai, quando entrei naquele maldito avião, Bia. Achas mesmo que vou ceder?”, repliquei-lhe eu, no cume da revolta.

“So, alguém tem de dar o primeiro passo”, replicou ela também.

“Não me condenes a isto.” As lágrimas que tinha reprimido até então deslizaram-me pelo rosto. A conversa ficou por ali, recusei jantar e isolei-me no quarto, procurando, de certa forma, assimilar a nova etapa em que me aventurei.

Esta manhã veio, toda falinhas-mansas, pedir-me que aceitasse a boleia de Eric, com a desculpa de que devo evitar os transportes públicos, não só para minha segurança pessoal, como para evitar o risco de ser confundida com ela na rua. Bia conseguiu concretizar o seu grande sonho de estilista numa agência americana de renome, Fashion Models, e, ao que parece, tem surtido grande efeito nas revistas. E eu sei que Emilio, o estilista que fez de nós manequins profissionais, está envolvido neste projeto, mesmo que não o refira, com receio de me magoar. Emilio Marchini é o ser mais generoso que alguma vez conheci, mas nem ele resistiu à minha queda, e perdemos o elo que outrora me era essencial.

Mas regressando a esta manhã. Como é óbvio, acatei o pedido; ainda não estou preparada para me enfiar ao lado de não-sei-quem com pensamentos não-sei-quais. Não obstante, avisei logo o segurança que mantivesse as mãos no volante, caso contrário levaria com uma enxurrada de *spray* de pimenta nos olhos. O bisonte percebeu a mensagem, enfiámo-nos no carro, e Bia ficou descansada. E eu também, mas não lho admiti; estou farta de ser fraca.

— Estamos quase a chegar, menina Dazzo — anuncia-me Eric, espreitando-me pelo espelho retrovisor.

Faço-lhe um meneio e volto a espreitar a cidade espertina, os carros impacientados para chegarem ao trabalho a horas, do mesmo modo que eu estou. Não obstante as tentativas de me distrair com as diversas palmeiras ao longo da avenida e com todo o contexto exponencial de LA, não consigo desfazer-me de uma sensação de arrependimento. Tenho o estômago às voltas e sei que estou assim por ansiar que a entrevista me surta um qualquer efeito mágico e eu renasça como a fénix. Mas, no meu âmago, sei que as coisas não são assim tão pragmáticas.

Uma vez em frente ao opulento edifício envidraçado da Williams Production — luxo, por excelência; tudo branco e límpido como cristal —, atravesso as portas giratórias e dirijo-me ao balcão da receção. Uma rapariga, não muito mais velha que eu, de cabelos louros entrançados e olhar azul-topázio, atende-me num tom educado e formal. Entrega-me um cartão com acesso aos elevadores destinados ao pessoal de serviço — pelo que percebi, os diretores utilizam outros que lhes são exclusivos — e despede-se com votos de boa-sorte.

Aquilo vai-me direitinho às entranhas e quase desisto. Mas não o faço; prometi-me que desta vez iria até ao fim, independentemente de tudo. *Respira fundo, dá um passo de cada vez, não te vai acontecer nada desta vez, e ele... ele não vai descobrir o teu paradeiro. Não desistas de ti, depois de tanta luta.*

Ao chegar ao *hall* dos elevadores, passo o cartão na banda magnética e o inesperado acontece, quando, receosa de me deixar vencer pela cobardia, entro sem mesmo verificar o interior do elevador e colido em cheio contra alguém no preciso momento em que a voz de Alex Turner, dos Arctic Monkeys, entoa “I wanna be your vacuum cleaner, breathing in your dust”.

— Foda-se! — protesta uma voz aborrecida, sustendo-me pelos braços e impedindo-me de cair.

E é então que o vejo. Merda! O tema da música não podia ter sido mais humilhante!

— Estás bem? — pergunta-me a sua voz, tão hipnotizante como nos meus sonhos obscenos.

E, enquanto folhas escritas flutuam no ar, fito-o pasmada. Cabelo despenteado louro escuro, rosto alongado e um olhar verde-chá capaz de rebeutar com a escala de estrogénios num campo de concentração feminino... As

revistas não mentem, os meus sonhos muito menos. É mesmo ele, Leonard Claus!

— Sentes-te bem? — pergunta-me ele novamente.

Reage, Sophia!

— As folhas — murmuro e, agachando-me, começo a reagrupá-las sob gestos atabalhoados, apercebendo-me de que são guiões. — Peço imensa desculpa. Eu... eu...

— Tens a certeza de que estás bem? Pareces indisposta. — Pega-me no rosto e ergue-o para si.

Sem saber como reagir, limito-me a olhá-lo. Numa situação normal já teria desatado aos berros, histérica de pânico, porém, não sinto nada, senão uma profunda admiração. Os seus dedos desfilam-se no meu rosto, como penas delicadas, e, no entanto, são tão impositivos que me desvio em plena conflagração emocional. O pânico envolveu-me, entretanto.

— Eu... Eu tenho... de ir. — Pego na carteira e recuo em passos cambaleantes até às portas, que se abrem cúmplices ao meu desespero.

— Espera! — Ergue a mão, contudo as portas encerram antes que qualquer um de nós reaja. Dobro-me sobre os joelhos sem uma gota de sangue, uma réstia de fôlego que seja. *Isto foi... intenso.*

As portas do elevador abrem-se novamente. Por instinto começo a recuar, mas é com um homem na casa dos cinquenta, de cabelos agrisalhados e tão despenteados como a silhueta precedente, que encaro.

William, um dos CEO em pessoa, cumprimenta-me com um meneio desinteressado. Murmuro-lhe um *bom-dia* acanhado, e, depois de alguns passos, recua, a observar-me como se fosse alguma peça de arte ou coisa parecida.

— Sophia Dazzo, não é? — pergunta numa inabitual voz rouca, pelo que anuo, os lábios cerrados. — Perfeito. — Faz-me sinal para que o siga. — A propósito, eu sou o Will, um dos associados da empresa. A Kate disse-me que o mais certo seria cruzarmo-nos no *hall*, e eis que não se enganou. Pronta para a entrevista?

Balbuicio um “sim” retraído e seguimos caminho por longos corredores até pararmos diante de uma porta de vidro opaca.

— Chegámos — anuncia ele, colocando a mão no puxador da porta. — E, por amor de Deus, não esteja tão nervosa. Se corresponder ao perfil que nos forneceu, o posto é garantidamente seu.

— Sim. — E é tudo o que consigo desbobinar na cadência dos acontecimentos.

A sala é vasta e condignamente decorada, banhada de raios cintilantes que entram pela parede vítrea, dando-me a impressão de ter uma cidade

nascente aos meus pés. Encantada pela paisagem, caminho na sua direção até que o ruído de cadeiras a arrastar me despertam, descobrindo dois homens encostados a uma enorme mesa oval de vidro no centro da sala — um dos demais pormenores que me tinha passado completamente ao lado.

O primeiro homem: Henry, bem parecido e engravatado, apresenta-se como sendo o advogado da empresa. O segundo: Kevin, de aspeto menos zeloso que o primeiro, porém, atraente, apresenta-se como sendo um dos CEO. O terceiro gerente da empresa, portanto. E o que ainda não conhecia. E, sim, fui desleixada por não ter pesquisado sobre a empresa na *net*, mas a minha irmã apoderou-se desse encargo com grande empenho.

Ainda penso em questionar-lhes se Leonard Claus vai estar presente, todavia, acabo por perder o pio quando Kevin pega no meu currículo e inicia a entrevista.

— Segundo os *e-mails* que trocámos, disseste que não queres exceder os três meses de contratação. Porquê, Sophia?

— Penso que seja um prazo legítimo para um contrato de experimentação, não concorda? — Jogo com as palavras, na esperança de que esta justificação lhes sacie a sede.

— E se o teu trabalho nos agradar, ponderas alargar o prazo?

— Pensei que a minha resposta digital tinha sido suficiente!

— Sophia — sorri num suspiro —, antes de assinarmos qualquer documento oficial, é importante termos um primeiro contacto contigo, percebes?

— Nem sempre foste tão instável — atira William, intempestivo, qual leão da selva. — Pelo que vejo, foste manequim durante quatro anos. O que se passou para teres desistido daquela área e enveredado na maquilhagem? A *passerelle* foi uma má experiência, foi isso?

Gaga, espreito William com uma prece para que as drogas não sejam objeto de conversa.

— Não respondeste à minha pergunta, Sophia — relembra-me com alguma impaciência, o seu dedo a martelar na mesa.

— A *passerelle* foi apenas uma fase que me permitiu conhecer o mundo do mercado noutras perspetivas — respondo sem refletir, perdida em suposições.

— Abandonando o passaporte curricular que tinhas em mãos?!

Engulo em seco e, sem outra opção senão assumir o karma que me perseguirá para todo o sempre, começo a justificar-me, mas ele volta a interromper-me.

— Sophia, não estamos aqui para falar sobre os teus vícios, acredita! Só queremos compreender porque é que trocaste a Marchini por uma profissão que, na maior parte das vezes, é mal remunerada.

— Eu penso que fui esclarecedora quando lhe referi a minha mudança de perspetivas.

— O que pretendes com a Williams? — confronta-me ele.

Hã? Fito-o desorientada, ao deprender que não tenho argumentos válidos. O meu currículo deformado e a minha despersonalização, como o meu pai referira em inúmeras discussões e nunca chegara a perceber o significado até hoje, jamais poderiam corresponder às expectativas deste bando de magnatas. Ainda chocada, repenso na quantidade colossal de vezes que alterei de empresas no ano passado. Foram oito, para ser exata, mas não podia criar laços afetivos, nem motivos que corrompessem a minha liberdade. Como agora.

— O que pretendes com a Williams, afinal? — insiste ele, intransigente. — Comprometer a mísera credibilidade do teu currículo ou adaptares-te às exigências da empresa?

— O futuro é uma incógnita, senhor Williams!

— Que necessita de estabilidade.

— Serão três meses, mas prometo que...

— És poliglota — interrompe-me —, falas português, italiano, espanhol; e o inglês nem se fala, quase não tens sotaque. Segundo a carta de motivação, atravassaste o *backstage* europeu com uma reputação intocável. Peço desculpa, mas, atendendo às qualidades nela descritas, não tem qualquer coerência com o prazo que nos impões. — E, inclinando-se sobre a mesa, acrescenta: — Estou disposto a abrir uma exceção e confiar nas linhas desta carta, mas preciso de um mínimo de garantias, Sophia. Sentes-te habilitada para assegurar as exigências da empresa, sim ou não?

Os meus lábios começam a tremer, tamanha é a pressão. E, ao cabo de alguns instantes, resolvida à realidade dos factos, lamento o tempo que perderam comigo.

— Lamentas?! — A voz de William ressoa na sala com brusquidão. — Confesso que estás muito aquém das minhas expectativas. Pensei que fosses tão ou mais obstinada que a tua irmã, mas, pelo visto, são polos opostos.

— Como pode insinuar tal coisa, se nem sequer me conhece? — Atrevo-me a ripostar, ainda que à beira de um choro tsunâmico.

— Porque eu assisti ao desfile da tua irmã, na Grécia, em setembro de dois mil e dezasseis, e tenho quase a certeza de que não foste tu que respondeste ao *e-mail*. Ou estou enganado?

Sem resposta alguma a dar-lhe, as lágrimas nos olhos, baixo a cabeça.

— Foi o que pensei — conclui ele. — Obrigado por teres vindo, Sophia. Agora, se fizeres o favor, agradecia que saíesses. A entrevista terminou.

Encarando o homem que me fita indiferente, com a sensação de que este

encontro não passou de um duelo entre a minha fraca intuição e a sua louca ganância, lanço, também eu, impelida por uma arrogância que desconhecia haver em mim:

— Tem razão, não fui eu que respondi ao *e-mail*, mas, quanto ao desfile que mencionou, era eu. Adeus, senhor Williams. — E, sem mais uma palavra, abandono o gabinete em lágrimas.

Quando finalmente chego à rua e constato que perdi o telemóvel, deixando-me sem meios para ligar a Eric e regressar a casa, começo a deambular em pânico pela avenida apinhada de turistas; até que avisto um táxi livre, estacionado ao longe, ao lado do passeio, e corro ao seu encontro.

— Para onde? — pergunta-me uma rapariga loura de cabelos apanhados e tatuagens nos braços, a mascar uma pastilha com entusiasmo.

— Beverly Hills — balbucio em desespero, ao perceber que nem da porcaria da morada de casa me consigo lembrar.

— Beverly é um labirinto de bairros. Não tem pelo menos uma indicação da rua que me possa fornecer?

Desorientada, nego com a cabeça, espreitando à minha volta para me tentar situar.

— Está perdida?

— Pode levar-me até a uma praia? — Distorço a conversa, incomodada com o comentário e o descaramento com que me observa. Não gosto da sua curiosidade.

— Olhe lá — diz a taxista intrigada, apontando-me o dedo. — Ainda não lhe disseram que é parecida com aquela estilista portuguesa que apareceu nos jornais esta semana, a Beatrice Dazzo. Bolas, parecem mesmo sócias!

Em pânico, desponho-lhe um sorriso amarelo, afastando-me e embatendo nos transeuntes, que, olhando-me com desdém, me empurram entre eles, tal uma tourada se tratasse. E, quando finalmente percebo o motivo da amotinação e me deparo frente a frente com Leonard Claus, a obsessão que fez da minha entrevista um autêntico desastre, entro em colapso e simplesmente desligo.

OS ANJOS NÃO EXISTEM

Quando ganho consciência, encaro com o seu rosto quase colado ao meu, os seus dedos a percorrerem o contorno da minha cara numa espécie de acalento. Perturbada com a proximidade e com o silêncio

abrupto, pestanejo, espreitando à minha volta e constatando que estou aninhada nos seus braços, no banco traseiro de um carro que cheira a cabedal e a luxo; mas é no seu sorriso, idêntico ao que me costuma arrancar sons e sintomas indecentes do corpo, que me volto a centrar.

— Sentes-te melhor? — pergunta-me ele, com a mesma cadência melódica do seu toque.

“Não sei, estou confusa”, quero dizer-lhe, todavia as palavras não me saem, hipnotizada nas pocinhas das maçãs do seu belo rosto. Levanto a mão, tentada em tocar-lhes, mas, a consciência abatendo-se subitamente sobre mim, desdenhando-me num embaraçamento visceral pela minha conduta, ergo-me para me desviar dele, e o inevitável acontece quando os nossos rostos colidem em cheio. *Jasmim!* O seu perfume... *Os seus lábios... Isto foi o quê? Um beijo? Um chocho? Merda! Que se passa comigo? E como é que aqui vim parar?*, questiono-me, ao constatar que estamos numa nacional envolta de arvoredo sem fim, longe da cidade. O pânico regressa, imperador.

— Para onde me leva? — Tento alcançar o puxador para abrir a porta. — Pare já o carro, que eu não vou para lado nenhum consigo!

— Tem calma, Sophia! — Detém-me a mão com a sua. — Estamos a caminho da tua casa, a taxista disse-me que estavas perdida.

— Seguiu-me? — pergunto num guincho, angustiada. — Não, espere aí! Como é que sabe o meu nome?

Ele abana os ombros num gesto apoloético, antes de se justificar:

— Então, sendo tu candidata à Williams, não foi difícil adivinhar. E, respondendo à tua primeira questão, não te segui, mas digamos que estava no lugar certo e na hora certa. Devias considerar-me o teu anjo da guarda. — Quando termina, fita-me com um sorriso convencido que me fica no gotto.

— Os anjos não existem! E não precisava de o ter feito, eu teria encontrado uma solução para regressar a casa — riposto, e o seu sorriso esmorece.

— Desmaiaste nos meus braços. O que querias que fizesse? Que te enfiasse no táxi de uma *hippie* em modo ganzado ou que te tivesse abandonado no seio da azáfama jornalística? Nenhuma das duas era a melhor das soluções. Acredita em mim, eu sei do que falo.

Então isso significa que aqueles turistas não eram propriamente turistas, mas sim *paparazzi* disfarçados? As náuseas apertam-me o estômago e por pouco não vomito no tapete do carro.

— Fomos fotografados? — pergunto-lhe a custo.

— São clichés inofensivos.

Levo as mãos à cabeça, ao mesmo tempo que sussurro um “foda-se” entredentes. O que lhe provoca um certo frenesim.

— Tu és estranha! Qualquer miúda daria tudo por um momento de fama comigo e, no entanto, tu...

— Eu não sou uma “qualquer miúda”! — Não sou vulgar, porra!

E, sem pachorra para ladainhas, por ter aprendido com o tempo que a abnegação sem retribuição deixou de ter qualquer crédito na nossa sociedade, refugio-me no vidro do carro.

— Queres mesmo regressar a casa? É que eu pensei que podíamos...

— Ouça, senhor Claus — interrompo-o, decidida a cessar as conveniências —, comparecer em público ao seu lado atçaria um cardume de tubarões esfomeados e não me apetece ser o isco de ninguém. Por isso, quero ir para casa. Agora!

Ele pestaneja num trejeito surpreendido, senão ofendido.

— Não discordo com o teu ponto de vista, mas não achas que estás a ser um bocadinho incongruente?

Eu, incongruente?! Desde quando? Estou a ser consciente, isso sim!

— Esta situação é completamente descabida — resmoneio para os meus botões. — Nem sequer nos conhecemos.

— Olá, Sophia. Eu sou o Leonard Claus. — Estende a mão para mim, pelo que o fito, confusa. — Disseste que não nos conhecemos, por isso respeitemos as etapas.

Você é completamente lunático, penso no compasso em que lhe reviro os olhos.

— Vá lá, Sophia. É apenas um aperto de mãos e não vais atçar nenhum cardume de tubarões sedentos de *clichés*. Estamos no meu carro, longe da azáfama. — E, dito isto, inclina o rosto com um sorriso.

Ao deduzir que possivelmente está a tentar ser agradável comigo, aperto-lhe a mão.

— Almoça comigo — pede-me sem rodeios.

O quê? Ele é... tão... NÃO. Retiro a mão.

— Prometo que tubarões não serão permitidos no menu. Um almoço, Sophia, para falarmos como correu a entrevista.

Viro-me para o colocar no sítio, porém, quando o vejo de sorriso aberto, com uma dentição alinhada e branca, num acesso de deslumbramento ou demência que, entretanto, me possuiu, não sei, sorrio-lhe, dando por mim a aceitar o convite. Ou talvez esteja apenas curiosa para saber o que tem para me dizer acerca da famosa entrevista.

E é sob tentativas da sua parte para que desprenda uma palavra que seja que chegamos ao parque subterrâneo do restaurante, repleto de carros de coleção aparcados. O motorista abre-nos a porta, Leonard coloca a sua mão no

fundo das minhas costas e envergamos por um corredor ostentoso, com quadros abstratos nas paredes e uma alcatifa digna do meio em que estamos, enquanto sou invadida por uma má intuição que me fustiga as pernas. Mas estes sintomas desaparecem quando entramos numa espécie de sala de reuniões protótipo da Williams, envolvida de música clássica, que me deixa de queixo caído ao descobrir a parede no fundo da sala, revestida por um magnífico jardim exótico, iluminado de luz indireta. *Nunca antes tinha visto tal proeza.*

— Também me cativa sempre que aqui venho — comenta, observador, sentando-se à cabeceira e puxando-me a cadeira ao seu lado para que me sente.

— Vem aqui muitas vezes?

— Sendo o gerente, sim, venho.

Sem corresponder ao sorriso altivo que me dirige, engulo em seco, ao mesmo tempo que pego na ementa disposta na mesa. E, enquanto dou uma vista pelos dispendiosos menus, algures dentro de mim, questiono-me o que aqui estou a fazer e por que raio estou tão controlada.

A empregada dá as suas graças, pedimos o menu, aliás, nem sequer tenho opção de escolha, porque o senhor gerente insiste no menu de excelência da casa. E vinho também, *Romanée-Conti* de mil novecentos e setenta, para ser exata. Mas eu refuto, referindo que não bebo álcool. Água é o que acabo por pedir.

— Vi no teu currículo que és Portuguesa — comenta ele, assim que ficamos a sós. — Da cidade do Porto, não é?

— Açoreira — respondo, partindo do pressuposto que até poderia ter considerado a sua resposta, a mesma que a minha irmã deve ter colocado no currículo. Nos dois últimos anos passava mais tempo na Cidade Invicta do que nas raras viagens de trabalho ou nos escassos fins de semana que ia a casa, eremita que me havia transformado.

— Não conheço — comenta ele, após alguma reflexão.

— Portugal não é um país assim tão pequeno como aparenta, senhor Claus.

— Estou a ver que sim — concorda ele. — Não estás aqui há muito tempo, pois não?

— Cheguei ontem.

— Ah! Então era por isso que estavas perdida.

— Era só uma questão de tempo até o Eric chegar.

— Quem é o Eric?

Gisele, a empregada, entra na sala com as bebidas, suspendendo-nos o diálogo. Serve-nos com perícia, o seu olhar dedicado ao meu vizinho; depois

retira-se, enquanto ele continua a observar-me, algo incomodado, a bater com as pontas dos dedos na mesa.

— Esse Eric é o teu namorado? — pergunta-me, de supetão.

— Eu não tenho namorado. É o motorista-segurança da minha irmã — esclareço, apercebendo-me de que nem sequer mencionei Sam. Como se eu mesma, talvez a minha inconsciência, me tivesse pregado uma partida.

Ele pega na haste do copo e dá um trago no vinho com um olhar perscrutador cravado no meu.

— O Henry disse-me que a entrevista não correu como esperado — comenta num tom interrogativo que me leva a desviar a cara, embaraçada. — Amanhã quero que te apresentes no meu gabinete às oito. Parece-te bem? — acrescenta sem rodeios, ao mesmo tempo que agita o vinho no copo com elegância.

— Se não fui submetida, significa que não mereço o posto, não concorda?

— Ainda não li o relatório do Henry para tomar qualquer conclusão final.

— Senhor Claus, não existem conclusões finais! — *Desista! Não presto!*

— Tens razão, mas neste momento ainda sou a única porta que mantém um fecho aberto.

— Existem mais empresas na cidade — riposto, atijada pelo seu atrevimento.

— E que contratam sob a nossa apreciação.

Merda! Pego no copo de água para dar um trago, e ele repete o meu gesto com o vinho.

— Então... — engasgo-me, perplexa com o que acabou de me dizer —, vocês manipulam o mercado por interesse próprio?

Ele inclina a cabeça em jeito de desacordo.

— Não colocaria nesses termos.

— Quais são os termos então, senhor Claus?

Ele estreita-se na cadeira antes de me responder:

— Nós somos o monopólio, Sophia. Temos os melhores profissionais a trabalhar para nós e, como deves calcular, não posso permitir que me deslizas das mãos sem, antes, tirar as minhas próprias conclusões.

Lívica com o despropósito, encosto-me à cadeira.

— Isso quer dizer que eu... eu dependo de si?

— De certa maneira, sim — admite ele, com um sorriso presunçoso, como se aguardasse esta submissão verbal. *Não! Nem morta.*

— Eu não posso fazer isto. — Levanto-me, apoiando-me à mesa com as mãos, de súbito zozna.

— Isto? — pergunta, confuso com a minha reação.

— Isto. — Aponto para nós.
— É apenas um almoço, Sophia! Ouve, se estás assim por causa do cho-cho que demos no carro...
— Não aconteceu rigorosamente nada no carro!
— Então explica-te — pede-me, com calma.
— Isto não tem sentido nenhum, percebe? Nós, este almoço caríssimo, as palavras com que me está a tentar iludir, a megalomania com que rege os seus negócios. É demasiado e eu, pura e simplesmente, não me enquadro neste mundo.
— Mas devias. — Levanta-se também ele, despejando-me um olhar que me inspira nada mais que arrogância.
— E porquê? — confronto-o.
— Porque, como te disse, neste momento sou o único que ainda não tem uma opinião formal sobre ti.
— Quanta petulância! — E, antes que tenha tempo de responder, se o fizesse creio que entraria em histeria convulsiva, abandono a sala.
Ao chegar ao parque subterrâneo, após ter atravessado a cozinha por engano e ter provocado um alarido de caçarolas pelos ares, entro no *Hummer* que nos conduziu e peço ao motorista, que me fita perplexo, para me levar daqui para fora. Que me leve a uma praia qualquer. Preciso do meu elemento. Preciso de me encontrar.
O homem, após alguma hesitação, liga a ignição do SUV e arrancamos. E ao rompermos à superfície, enfrento um Sol ofuscante, acolchoado numa cidade tão desesperada de *stress* como eu estou neste momento.
Aconteceu algo naquele encontro, algo que me reabriu as cicatrizes e provocou um desejo apavorador de querer voltar a vestir a minha pele. De querer confrontá-la, de certo modo. Mas não posso! *Seria como...* Estremeço, os pensamentos noutra realidade. Num passado, não muito longínquo. Então, permitindo que as emoções tomem conta de mim, e porque preciso disto, choro as mágoas que nunca poderei confiar a ninguém. É que esse ninguém nunca entenderia.

AS COISAS MUDARAM

E noite cerrada quando chego a casa e me deito na cama a meditar no dia merdoso que tive, desde o fiasco que foi a entrevista, ao meu encontro com a personagem mítica, Leonard Claus, um arrogante de primeira que

me ficou no goto e um dos protótipos da sociedade que, precisamente, me repele. Como se tudo isto não tivesse sido o suficiente, ainda levei com uma Bia enfurecida por ter chegado a más horas e não lhe ter atendido as chamadas.

“Perdi o telemóvel, não sei como, não me apercebi”, desculpei-me eu.

“Da última vez que não me atendeste, as consequências foram devastadoras”, disse aos soluços, enquanto me seguia escadas acima.

“Eu estou aqui, Bia, já te disse. Já não sou um bebé, porra!”, reiterei, sem saber qual de nós tentava acalmar quem e, ao mesmo tempo, enervada com o excesso de proteção.

“Porque te sujeitas a isto, se este não é o teu mundo? Podias ter um futuro tão mais próspero. Tão mais... Lembras-te da citação do Fernando Pessoa que tanto prezávamos? ‘Matar um sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.’ Para onde foram as tuas convicções? Diz-me, So?” A sua voz estava descontrolada, no limite do choro, como tantas outras vezes.

Há dois, quase três anos atrás, a minha vida sofreu uma trágica reviravolta e, desde então, Bia tenta colar os pedaços dos escombros que sobraram, na esperança de que eu volte a ser a mesma. Mas as coisas não são assim. Depois de destilarem a nossa identidade, violarem as crenças, o corpo, os sonhos, nada é igual. Uma parte de nós é destruída para sempre. Perece!

“As coisas mudaram”, acabei por lhe dizer. Ela fingiu entender, habituada ao término das nossas discussões, e, quando percebi, estava de novo na minha bolha, num solitário silêncio, distante de um mundo que ainda não sabia acolher dentro de mim. Do novo eu que, entretanto, se formara.